

## A CIDADE SEM CIGARRO

## O CHARMOSO FICOU INTOLERÁVEL

Houve um tempo em que fumar em público era sinônimo de charme e elegância. No filme *Casablanca*, um clássico do cinema americano lançado em 1942, o ator Humphrey Bogart bafurava a tela com ar sedutor. Mas hoje, quando se sabe que o cigarro matou cem milhões de pessoas no mundo, de 1901 até 2000, os hábitos começam a mudar. Fumar deixou de ser charmoso e o próprio cinema não exibe mais atores soltando fumaça pelas ventas num clima de night clubs.

“É visível a redução de cigarros nos filmes tradicionais norte-americanos. Hollywood sempre segue as grandes campanhas. Antes, o fumo não era associado a doenças. Agora, é politicamente incorreto, faz mal à saúde. Evidentemente isso se traduz nos filmes, fumar em público não retrata mais a realidade”, avalia o crítico de cinema e professor da Universidade Católica de Pernambuco Alexandre Figueirôa. Os ventos agora são outros também porque há legislação proibindo propagandas de cigarro.

O encanto atribuído ao tabaco, ao que tudo indica, está sendo transferido para o vinho, na meca do cinema. “Na série *Brothers and Sisters*, que passa na TV por assinatura, para um público de classe média, bebe-se muito vinho. Os personagens moram na Califórnia, área de produção de uvas. É lá onde fica Hollywood. Pode ser um reflexo. E vinho é uma bebida aceitável”, comenta. Cigarro, diz Alexandre Figueirôa, aparece em filmes alternativos, desatrelados de grandes bilheterias.

Quando o cigarro sai de cena, objetos a ele agregados tendem a desaparecer do dia-a-dia. Símbolo de ambientes onde reinam os fumantes, o cinzeiro sumiu de shopping centers, restaurantes, bares, boates e demais lugares fechados. Nas áreas públicas, a retirada dos recipientes onde os fumantes jogam a cinza do fumo, pontas de cigarros e de charutos é fruto da aplicação da Lei Federal nº 9.294/96.

Com o cigarro banido de ambientes fechados, por força de lei, não há necessidade do cinzeiro em corredores de centros de compras, recepções de hotéis ou mesas de bar. O velho hábito de doá-los como brinde precisa ser revisito. Quem não fuma, não quer atrair fumaça para dentro de casa ou locais de trabalho. Que o diga a estudante secundar-

ta Helena Lemos, 18 anos, que fez uma excursão à Bahia e ganhou um cinzeiro de brinde, no início deste ano.

“O que eu ia fazer com aquilo, se ninguém da minha casa fuma?”, indaga. O presente foi parar na lixeira. Nas residências, o ambiente livre do fumo depende do morador, como fez a jovem Helena e como faz a arquiteta Danielle Figueirôa, 31. Ela casou-se há menos de dois meses, fez lista de casamento e não solicitou cinzeiro. Também não comprou o objeto para colocar em casa. “Nem eu nem meu marido fumamos. Meu sogro fuma, mas não criei espaço para fumantes. Ele é bem-vindo em minha casa, o cigarro não”, diz Danielle.

## CASAMENTO

A arquiteta nunca colocou cinzeiro no escritório onde trabalha. “É um lugar fechado. Quem quiser fumar, vai para o lado de fora”, avisa. A inclusão do objeto em listas de casamento sofreu redução nos últimos cinco anos, como atesta Camila Carvalho, que ajuda noivos a escolher os utensílios da nova casa numa das lojas Jurandir Pires. “Antes, o artigo era solicitado em 70% das listas. Agora, 40% pedem cinzeiro”, diz ela. Camila observa que alguns casais querem o cinzeiro para visitas, outros excluem exatamente para a visita não fumar.

No Shopping Tacaruna, o segundo maior do Recife, o número de cinzeiros foi reduzido a um terço. Os que sobraram agora ficam do lado de fora. “O fumante é bem-vindo, mas ele não pode fumar na área interna do shopping”, diz a gerente de marketing, Sandra Arruda. O Tacaruna é um dos oito centros de compras da cidade que aderiram ao programa ambiente livre do fumo, em cumprimento à Lei Federal 9294/96. Quase dois anos depois da medida, Sandra continua recebendo elogios do público. “A maioria dos nossos 45 mil visitantes diários não fuma e a fumaça incomodava.” Agora são centenas de pontas de cigarro a menos no território ocupado por lojas, cinemas, restaurantes e lanchonetes.

A coordenadora do programa de controle do tabagismo da Secretaria de Saúde do Recife, Maristela Menezes, contabiliza 948 espaços livres do fumo na cidade, inclusive o edifício-sede de 15 andares da prefeitura, no Cais do Apolo. E a meta é disseminar a moda, meio imposta pela legislação, meio negociada com programas de capacitação e conscientização. “Nosso alvo agora serão as escolas e as universidades. No mundo, a meta deste ano é deixar os jovens livres do fumo.”

Aquele cheirinho de fumaça no ar, que se impregnava na roupa, no cabelo e atingia em cheio vasos sanguíneos e pulmão, está desaparecendo. Já deixou o avião, o ônibus, o cinema, o shopping e há quatro meses está saindo dos ambientes fechados de bares e restaurantes do Recife. Por imposição das leis internacionais e brasileiras, e em nome da saúde coletiva, é de fato proibido fumar na frente dos outros, embora a produção e o comércio do cigarro sejam permitidos.

Em breve, se os ativistas da saúde e do ambiente ganharem a luta, não haverá fumódromo e o cigarro será algo caro, inacessível a muitos dependentes. Pegando carona nas transformações, o JC inicia hoje série para mostrar novos hábitos e o que de bom a sociedade constrói com a abstinência ao fumo. Cleide Alves e Veronica Almeida contam hoje a história do cigarro no Recife e o que está mudando nos lugares, campanhas e leis. Confira amanhã o impacto ambiental com a redução do tabagismo.

Fotos: Annaclárcia Almeida/Especial para o JC



NOVA DECORAÇÃO A arquiteta Danielle Figueirôa, que detesta cigarro, excluiu o cinzeiro da lista de presentes de casamento

**1604** Neste ano, o Rei Jaime I, da Inglaterra, escreveu um livro criticando o hábito de fumar.

**FORA** A Rainha Elizabeth I, da Inglaterra, também condenou e proibiu a entrada de cachimbos e charutos nos templos anglicanos



ESCAVAÇÃO Fragmentos de cachimbo são achados com frequência no Nordeste

## Conceitos mudaram com o tempo

Principal responsável pelo câncer de pulmão, o fumo, quem diria, já foi chamado de “erva santa” no Brasil e na Europa. No século 16, até o padre Manuel da Nóbrega atribuiu propriedades medicinais ao tabaco. Num texto de 1550 sobre o Brasil, ele escreveu: “Todas as comidas são muito difíceis de desgastar, mas Deus remediou a isto com uma erva cujo fumo muito ajuda à digestão e a outros males corporais.”

A planta em foco (*Nicotiana tabacum* e *Nicotiana rustica*) é originária das Américas e fumar é um hábito tipicamente indígena. “Quando os europeus chegaram ao Novo Mundo, os índios já fumavam”, diz o coordenador do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, Marcos Albuquerque. Portugueses que desembarcaram no Brasil em 1500 aprenderam a fumar com a população indígena.

Além de ser indicado como cicatrizante de feridas e medicamento para úlceras, cânceres e doenças de pele, o fumo era considerado uma forma de alimento. “Ainda no século 18, o tabaco era incluído em tratamentos de alimentação, seja em pó, fumado ou

mastigado”, informa o arqueólogo Ulysses Pernambucano de Melo, autor da publicação *O fumo no Nordeste, 1500-1654* (Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano – 1977).

“Inicialmente, por não encontrar um verbo para definir aquilo que os índios faziam, os portugueses diziam que as pessoas bebiam fumo. Eles pensavam que a fumaça ia para o estômago”, declara Ulysses Pernambucano. Os índios, diz ele, fumavam por motivos religiosos e para apaciar a fome nos longos deslocamentos que faziam em busca de novas áreas para moradia.

Assim como o fumo é das Américas, a região também é precursora de cachimbos e charutos. Os indígenas enrolavam folhas de tabaco e faziam uma espécie de charuto (o avô dos artefatos modernos), para aspirar a fumaça. Encantados com o poder da erva, os europeus disseminaram a planta pelo mundo e passaram a produzir cachimbos de argila. “O fumo volta ao Brasil com tratamento, digamos, civilizado”, comenta.

Marcos Albuquerque acrescenta que a produção de cachimbo consistiu numa

grande fonte de renda para os países produtores, como Portugal, Holanda e Inglaterra. “Os cachimbos poderiam ter ou não decoração. Em quase todos os sítios arqueológicos históricos que escavamos no Nordeste brasileiro encontramos desses objetos. São milhares de fragmentos. Uma das razões é que eram frágeis e freqüentemente substituídos. Outra, é porque se fumava muito.”

A despeito das valorizadas virtudes terapêuticas, o fumo no século 16 era perseguido pela Igreja Católica. “Nessa época, a proibição não tinha vinculação com saúde, mas por ser um costume pagão, de índios”, observa Ulysses Pernambucano. Vasco Fernandes Coutinho, donatário da Capitania do Espírito Santo, foi excomungado em 1555 por fumar, exemplifica.

Ele cita bulas assinadas pelos papas Urbano VIII, em 1642, e Inocêncio X, em 1650, para excomungar fumantes e pessoas que cheiravam rapé. O cigarro de papel que conhecemos hoje chegou ao Brasil no século 19. Os índios usavam só o tabaco. O fumo industrializado incluiu outros substâncias, além da folha de tabaco.